

ESTUDO DOS ANTROPÔNIMOS GUINEENSES: VALORES LINGUÍSTICOS - CULTURAIS

Janifer Nunes Da Fonseca¹
Léia Cruz De Menezes Rodrigues²

RESUMO

A antroponímia é uma área da onomástica denominada ciência dos nomes, que se preocupa com nomes próprios de pessoas, ou seja, prenomes e sobrenomes (TOMÁS, 2019). Assim este trabalho visa investigar o processo de formação de antropônimos no contexto guineense quanto às fontes de influência deles: língua bissau-guineense, línguas étnicas, línguas estrangeiras, língua portuguesa, religiosidade e aspectos subjetivos. Adotou-se abordagem qualitativa e quantitativa. Nosso corpus foi constituído de nomes próprios constantes nas listas de candidatos guineenses inscritos a dois Processos Seletivos de Estudantes Estrangeiros aos Cursos de Graduação da Unilab (2019 e 2020). Selecionamos, para discussão de valores linguísticos-culturais, alguns nomes para análise qualitativa empreendida no artigo que produzimos e foi aprovado como Trabalho de Conclusão de Curso. Observamos a predominância de nomes procedentes da língua portuguesa; seguidos de nomes procedentes de línguas étnicas guineenses, seguidos de nomes oriundos da religião Mulçumana. Visto que “nomear” é construir realidades e demarcar identidades, esse estudo suscita reflexão acerca da influência da língua portuguesa, e consequentemente dos valores dos povos nativos dessa língua, na cultura guineense.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Valores Linguísticos - Culturais; Antroponímia.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Programa de Pós-graduação em Linguística, Discente,
janifer2017nunes@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - (UNILAB), Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente,
leiamenezes@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O trabalho denominado estudo dos antropônimos guineenses: valores linguísticos-culturais foi tema de TCC recentemente defendido na Unilab. Há poucos estudos sobre esse assunto no contexto guineense, dentre os estudos feitos, podemos destacar o estudo de Couto e Embaló (2010), que conta com um tópico sobre esse assunto, e de Ié (2021), que aborda Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau é um país territorialmente pequeno, mas muito rico em questões linguísticas e culturais; neste sentido, moveu-nos investigar o processo de formação de antropônimos no contexto guineense quanto às fontes de influência de tais: língua bissau-guineense, línguas étnicas, línguas estrangeiras, língua portuguesa, religiosidade e aspectos subjetivos no atual contexto do povo Bissau-guineense.

Assim, o trabalho versou sobre o nome próprio: o significado, a origem e o contexto de atribuição do nome próprio. Como é sabido, o nome próprio exprime diversos significados – desde a expectativa dos pais quanto ao nascimento de uma criança (no Brasil, menina nomeada de “Vitória” ou de “Anunciada”, por exemplo), perpassando valores familiares (nomes como “Maria Aparecida” ou “Maria Marta”, que no Brasil remetem à religiosidade Católica) e referências midiáticas de grande repercussão e aceitação (caso de meninos que foram nomeados de “Lúcifer”, no Brasil, em decorrência de seriado norte-americano). Visto ser a Guiné-Bissau ex-colônia de Portugal e ser a língua portuguesa oficial no país, como os valores desta língua e destes povos (portugueses e brasileiros) perpassam a onomástica Bissau-Guineense? Eis nossa primeira pergunta de base.

Para realização deste estudo, empreendemos leituras que abordam o fenômeno da antroponímia, bem como estudos linguísticos-culturais que tomam como objeto Guiné-Bissau, e analisamos a formação de nomes próprios guineenses. A fim de que possa haver uma visão geral da Guiné-Bissau – sua história e multiplicidade linguística – segue contextualização da realidade Bissau-guineense.

A República da Guiné-Bissau foi a primeira colônia africana de Portugal a se tornar um país independente, em 24 de setembro de 1973, depois de cinco séculos da invasão portuguesa e 11 anos de luta armada de libertação, dirigido pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-verde). No entanto, essa independência só foi reconhecida por Portugal, em 10 de setembro de 1974. Em 2020, segundo o censo a população total do país é de 1.624.945 habitantes. Há mais de duas dezenas de línguas étnicas no país. Após a independência, a Guiné-Bissau adotou a língua portuguesa como a língua oficial, que é dita língua de ensino, de cultura e de comunicação internacional. A língua portuguesa é a materna de insignificante percentagem da população, não é língua de comunicação nacional. Segundo o Censo (2009), a língua portuguesa é falada apenas por 27,1% dos guineenses. A maioria da população tem a língua portuguesa como língua adicional, pois essa ordem de aprendizagem pode variar bastante a depender do indivíduo.

Segundo Embalo (2008), a língua franca é a língua bissau guineense, é a língua da comunicação entre diferentes línguas étnicas, por isso ser chamada de língua de unidade nacional, ou só de língua nacional. A língua Bissau guineense, segundo o censo (2009) é língua mais falada pela população de nacionalidade guineense corresponde 90,4%, sendo bissau guineense a língua materna. Ela não é língua oficial do país, mas é língua do dia a dia, também é usada na comunicação oral nas instituições públicas, em alguns discursos oficiais e até nos debates da Assembleia Nacional. Mesmo assim, não é língua de ensino, mas os docentes recorrem a essa língua para explicar os conteúdos escolares, caso os alunos não compreenderem a explicação feita na língua de ensino.

Como se pode perceber, a língua bissau-guineense e a língua portuguesa nem são as línguas maternas de muitos guineenses. As línguas africanas (cuja origem pertence às línguas nígero-congolesas) são as maternas de diferentes comunidades; por meio delas, tais comunidades estabelecem comunicação, transmitindo os conhecimentos ancestrais, as tradições e as identidades comunitárias. Na Guiné-Bissau, as línguas étnicas

com maior número de falante são a balanta, a mandinga, a fula e a pepel (EMBALO, 2008).

Visto haver uma riqueza linguístico-cultural ímpar em Guiné-Bissau, como essa riqueza se reflete na onomástica bissau-guineense, resistindo, assim, à oficialização de uma língua no ensino que é estranha ao cotidiano de muitos bissais-guineenses? Eis nossa segunda pergunta central.

METODOLOGIA

O trabalho adotou-se abordagem qualitativa e quantitativa. Nosso corpus foi constituído de nomes próprios constantes nas listas de candidatos guineenses inscritos a dois Processos Seletivos de Estudantes Estrangeiros aos Cursos de Graduação da Unilab (2019 e 2020). Selecionamos, para discussão de valores linguísticos-culturais, alguns nomes para análise qualitativa que resultou em artigo a ser publicado. Observamos a predominância de nomes procedentes da língua portuguesa; seguidos de nomes procedentes de línguas étnicas guineenses, seguidos de nomes oriundos da religião Mulçumana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já foi mencionado, neste trabalho consultamos duas listagens de resultados de inscrições de guineenses aos cursos ofertados pela Unilab. Fizemos a seguinte leitura, em termos quantitativos, desse material: a religião muçulmana reflete-se em 108 prenomes; as religiões ditas de origem cristã se fazem presentes em 61 prenomes; línguas étnicas são a base para 170 prenomes; a língua bissau guineense embasa 23 prenomes; línguas estrangeiras fazem-se notar em 45 prenomes; a língua portuguesa faz-se notar em 394 prenomes; referências subjetivas, como a indicação de uma expectativa familiar em torno da predileção por um filho, faz-se notar em 20 prenomes.

Em termos quantitativos, a língua portuguesa se mostrou referência destacada para os prenomes; em dados brutos, computando as duas listagens, totalizam 642 nomes próprios. Por sua vez, as línguas étnicas se fizeram notar como referência para 358 nomes.

ABREU, Antônio Suárez. Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional. São Paulo: Ateliê, 2018.

CONCLUSÕES

Na conclusão deste artigo, destacamos a riqueza linguístico-cultural dos prenomes guineenses na materialização de sentimentos (como Biossum, que expressa o quanto uma mulher está incomodada com comentário maldosos sobre ela), de condições sociais (como Pansau, que demarca o nascimento de uma criança em situação de desmoronamento da adeia, que caiu em desgraça), de valores patriarais (como Alanã, que aponta para o desejo de ter um menino e o desapontamento pelo nascimento de uma menina; como Matche/Matcho, que demarca ser a criança um macho, com todas as expectativas do que caracteriza a macheza), de sopro de esperança (como Banuma, que aponta a necessidade do nascimento daquela criança), de descrições das situações referentes ao nascimento de uma criança (como M"pilgov, que descreve uma circunstância do parto - em plena mata, sem qualquer assistência), de homenagem à criança que nasce (como Inuira, que materializa a beleza que a mãe ver no bebê), de valores religiosos (como Mariama - nome para Maria na religião Mulçumana), de valoração de culturas estrangeiras (como Walter e João - respectivamente um reflexo da valoração da cultura anglófona e lusófona).

AGRADECIMENTOS

À Unilab, que me concedeu uma sólida formação acadêmica em âmbito de Graduação, de tal modo que estou hoje cursando o primeiro semestre letivo do Mestrado em Linguística na Universidade Federal de São Carlos - São Paulo.

À Professora Dra. Léia Cruz de Menezes Rodrigues, que me fez mergulhar no universo da antroponímia e refletir sobre minha própria história e a de meu povo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**. São Paulo: Ateliê, 2018.

MAIA, Joelma. **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUINÉ BISSAU**. In: Revista África(s), v. 03, n. 05, p. 146-156, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/leiam/Downloads/4040-Texto%20do%20artigo-10729-1-10-20171007.pdf>. Acessado em: 20-07-2022.

MENDES, Arete. **A mediação étnica e a prática religiosa na Guiné-Bissau: a religião tradicional africana e o catolicismo praticada pela etnia mandjaco no setor de calequise a partir da década de 80**. Pag.20. Redenção- CE, 2017.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponimia-brasileira-1614>.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro**. Alfa, São Paulo, 55 (1): 63-82, 2011.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. **As Origens dos Nomes de Pessoas**. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL1-v1n1a2007-9>.

IÉ, Ivo Aloide. **Língua e identidade cultural: um estudo onomástico em Antroponímia do grupo étnico papel da Guiné-Bissau**. São Francisco de conde. 2020.

TOMÁS, Tunga Samuel. **Antroponímia: contributo para o estudo dos nomes próprios em Angola**. Ed: Évora, 2019. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/26297>.